

REVISTA ALFA: UM TEXTO DA CULTURA LINGÜÍSTICA BRASILEIRA

José Luiz Fiorin

Você olha para as coisas que existem e pergunta: "Por quê?"
Eu sonho com as que nunca existiram e pergunto: "Por que não?"

Bernard Shaw

Em 2002, a *Alfa*, revista de Linguística editada pela UNESP, completa quarenta anos. Esse fato é impressionante, quando se sabe que o primeiro curso de Letras do Brasil foi criado em 1934; que as dificuldades para viabilizar uma publicação acadêmica são imensas; que, em virtude da descontinuidade dos financiamentos, os periódicos acadêmicos e culturais costumam ter vida bastante efêmera. A *Alfa* é uma das três revistas da área de Letras, de publicação corrente, mais antigas do Brasil. Mais velhas que ela somente dois periódicos, coincidentemente denominados *Revista de Letras*: o mais antigo é editado pela Universidade Federal do Paraná e o outro é a revista da UNESP consagrada aos estudos literários.

Vieira, no Sermão de Santo Antônio, pregado em São Luís do Maranhão, em 1654, diz que "nas festas dos santos é melhor pregar com eles do que pregar deles". Por isso, gostaria de fazer uma análise, ainda que preliminar e superficial, da *Alfa*. Um trabalho definitivo deverá ser feito por um dos muitos estudiosos de História das Ciências da Linguagem. Para meu exame, vou tomar o periódico como um texto.

O texto é um objeto lingüístico e um objeto histórico. Pode-se privilegiar na teoria ou na análise um ou outro desses aspectos. Dar ênfase ao aspecto lingüístico implica considerá-lo um todo de sentido, dotado de uma organização específica, diferente da frase. Isso significa, portanto, dar relevo especial ao exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam, que o tecem como uma totalidade de sentido. Cabe lembrar que a palavra texto provém do supino do verbo latino *texo, is, texui, textum, texere*, que quer dizer *tecer*. Da mesma forma que um tecido não é um amontoado desorganizado de fios, o texto não é um amontoado de frases, nem uma grande frase. Tem ele uma estrutura, que garante que o sentido seja apreendido em sua globalidade, que o significado de cada uma de suas partes dependa do todo.

Dar destaque ao aspecto histórico leva a preocupar-se primordialmente com a formação ideológica de que ele é expressão, com as relações polêmicas que, numa sociedade dividida em classes, subclasses, grupos identitários, estão na base da constituição das diferentes formações discursivas.

Antigamente, dizia-se que as teorias que trabalhavam com o primeiro aspecto faziam uma análise interna do texto, as que operavam com o segundo faziam uma análise externa. Essa terminologia é ruim, porque deixa entrever que aquelas só se ocupam do aspecto lingüístico, enquanto estas só têm olhos para o extralingüístico. Na verdade, cada uma ressalta um aspecto da constituição do sentido e, portanto, são ambas teorias lingüísticas. As primeiras acentuam os mecanismos intradiscursivos, e as segundas, os interdiscursivos. Vale ressaltar que estamos falando em predominância de interesse por um dado aspecto e não em exclusividade.

Durante muito tempo, partidários de uma ou de outra teoria trocaram uma série de "acusações". Os que se ocupavam preponderantemente dos aspectos intradiscursivos foram tachados de reducionistas, dizia-se que eles ignoravam a História, que tinham uma visão empobrecedora do texto. Por outro lado, afirmava-se que os que trabalhavam predominantemente com as relações interdiscursivas eram cegos para os mecanismos de estruturação do texto, não reconheciam sua especificidade lingüística. Na verdade, as desconfianças mútuas não precisariam existir, já que, de um lado, não se pode exigir que uma teoria estude fatos que estão fora de seu escopo explicativo, e, de outro, as teorias do discurso, ao ressaltar os mecanismos intradiscursivos ou os interdiscursivos, estão trabalhando com aspectos complementares da textualização e não com ângulos excludentes na abordagem do uso lingüístico.

A textualização é o processo pelo qual um plano de conteúdo discursivo manifesta-se por um dado plano da expressão. O texto é, assim, uma unidade da manifestação discursiva.

Quando se estuda um jornal ou um periódico pode-se fazer a análise com tesoura, segmentando-os em textos que os compõem, ou pode-se examiná-los como um todo, como um grande texto. É isso o que pretendemos fazer. Examinaremos os aspectos lingüísticos e históricos desse texto.

Passemos à narrativa que nos conta o grande texto da *Alfa*. Foi fundada em 1962 como publicação do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, instituto isolado, criado pelo governador do Estado de São Paulo, Prof. Carvalho Pinto, em sua política de interiorização do ensino superior. A iniciativa de criação do periódico foi, segundo depoimento de Ataliba Castilho, do Prof. Massaud Moisés, então diretor da Faculdade. Na verdade, o Prof. Massaud levou o grupo de jovens professores do Departamento a fazer o periódico. Ele foi assim o destinador manipulador, como se diz em teoria da narrativa.

O sujeito efetivo do fazer foi o Prof. Ataliba Teixeira de Castilho, que foi o diretor da revista de 1962 a 1973. As condições para a *performance* eram extremamente difíceis, pois o diretor deveria realizar tudo praticamente sozinho: expedir convites para os colaboradores, preparar os originais, fazer a licitação para a publicação, revisar as provas, distribuir a revista etc. (CASTILHO, 1997, p.9). Cedo, no entanto, a *Alfa* recebeu o reconhecimento da comunidade acadêmica do Brasil e do exterior.

O que se pretendia com a criação da revista? Em outras palavras, quais os valores que se acham inscritos nesse objeto de significação, quando ele é examinado? Debate acadêmico, pluralidade, renovação. Desde o início observa-se que a *Alfa* surge com o propósito de divulgar os trabalhos acadêmicos dos professores do Departamento. Seus criadores tinham a perfeita noção de que a divulgação é parte indispensável da pesquisa. O discurso científico é completamente diferente do discurso religioso, pois este pretende explicar tudo, donde viemos, para onde vamos, qual o sentido da vida, por que sofremos, qual a origem de tudo. Ao mesmo tempo, pretende-se absolutamente verdadeiro e, por isso, intangível. A ele deve-se aderir pela fé. Ao contrário, o discurso científico constrói modelos que explicam parte da realidade. Por isso, não chega à verdade absoluta e eterna, mas a consensos parciais sobre as explicações que dá para certos fenômenos. Ele é sempre uma aproximação da realidade. A ciência tem sempre compromisso com o real e, por conseguinte, sua validade precisa ser verificada. Não se adere ao discurso científico pela fé, mas pelo conhecimento. Como a ciência não chega à verdade, progride sempre, é sempre mutável. Por isso, fazem parte de sua natureza o debate, o confronto, a controvérsia, a contradição. Ora, não há debate científico, não há confronto de posições, não há contradição, sem que os resultados da pesquisa venham à luz. Assim, a divulgação é inerente ao fazer científico. Esse foi o primeiro valor inscrito neste objeto, que é a *Alfa*. No entanto, a revista não se restringia à publicação dos trabalhos dos professores da Faculdade de Marília, estava aberta à colaboração de qualquer pesquisador. Compulsando seus números, encontram-se artigos de pesquisadores estrangeiros, como Kurt Baldinger, André Martinet, Jacques Derrida, Giampaolo Salvi, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, e de investigadores brasileiros de diferentes universidades, como Lúcia Lobato, Rodolfo Ilari, Carlos Vogt, Ulpiano Bezerra de Menezes, José Cavalcante de Souza, Jorge Bertolaso Stela, Roberto da Matta, ao lado de lingüistas da UNESP. É interessante observar que Roberto da Matta, numa análise do conto "O gato preto", de Poe, publicado no volume 10 (1966) começa a ensaiar o modelo explicativo da cultura que o tornaria famoso. A pluralidade não se restringe, porém, ao espectro de colaboradores, é mais radical. Há uma pluralidade de pontos de vista teóricos: o estruturalismo, o gerativismo, o funcionalismo, a semiótica, a análise do discurso, e assim por diante. O terceiro valor inscrito no objeto é renovação. Em 1962, um parecer do Conselho Federal de Educação (CFE) alterou radicalmente a organização dos cursos de Letras no Brasil. Uma das inovações da nova estrutura curricular foi a inclusão da Lingüística entre as cinco disciplinas obrigatórias do chamado currículo mínimo. Com isso, pretendia-se renovar a pesquisa e o ensino de línguas no Brasil. A *Alfa*, criada no mesmo ano, insere-se nesse paradigma da renovação. Por preconizar, não explicitamente, fazendo disso profissão de fé, mas implicitamente, nos artigos que publicava, uma atitude descritiva e explicativa dos fatos lingüísticos sincrônicos, opõe-se, de um lado, a uma tradição normativa, profundamente arraigada no ensino brasileiro, e, de outro, a uma tradição filológica, que considerava a explicação dos textos arcaicos o único objeto nobre da pesquisa lingüística. Mostra que o que nobilita o trabalho acadêmico é o método e não o objeto. Não existem aspectos da faculdade da linguagem exclusivos do fazer científico, nem avessos a ele. Além disso, a renovação propugnada pela *Alfa* não se restringia à pesquisa, atingia também o ensino. Prova disso é o artigo de Ata-

liba Teixeira de Castilho, intitulado "A reforma dos cursos de Letras", publicado no número de março de 1963, em que o autor discute as novas disposições do Ministério da Educação sobre a reorganização do ensino superior de línguas e literaturas no país e sugere diretrizes para implementar a reforma curricular. Além disso, no volume 18/19 (1972/1973), a revista publica os textos de um seminário sobre a organização da pós-graduação em Letras. Estamos no início da institucionalização da pós-graduação no país. Estes três valores – debate científico, pluralismo e renovação – continuam até hoje a pautar a política editorial da revista.

O primeiro número sai em março de 1962. Tem quatro seções: artigos; livros e revistas; notas e comentários; e documentos. A primeira contém artigos originais e inéditos, que são quatro: "A língua portuguesa no Brasil", de Ataliba Teixeira de Castilho; "Do épico ao lírico", de Massaud Moisés; "*The phoneme, meaning and patterning*" de Paulo A. A. Froehlich; "Franz Kafka: o romancista do absurdo", de Maurício Tragtemberg. Na segunda parte, apresentam-se resenhas; na terceira, notícias e comentários sobre assuntos de interesse da comunidade lingüística; na quarta, aparecem em edição fac-similar, já que se comemorava o 40º aniversário da Semana de Arte Moderna de São Paulo, duas cartas de Mário de Andrade a Oswaldo Elias Xidieh, professor da Faculdade de Marília. No segundo número, há quatro seções: artigos; notas e comentários; livros e revistas; e noticiário. Nele, a seção intitulada notas e comentários vai trazer artigos de menor fôlego sobre um dado tema. Esse é o padrão de organização da revista que vai vigorar durante muitos anos. Em março de 1964, aparece um número temático sobre o modernismo, com uma edição fac-similar de uma carta de Graça Aranha.

A *Alfa* teve publicação contínua até 1977. Evidentemente, não sem percalços. Já em 1964, os dois números aparecem num só volume. A mesma coisa acontece em 1965. Isso mostra as dificuldades para viabilizar sua publicação. Em 1969, a periodicidade passa de semestral a anual. A razão são os altos custos de impressão. No entanto, mesmo assim os obstáculos se sucedem. Os números 20 e 21 correspondentes aos anos 1974 e 1975 vêm a lume num único volume. A mesma coisa vai ocorrer com os números 22 e 23, concernentes aos anos de 1976 e 1977. O diretor do periódico, depois que Ataliba Teixeira de Castilho deixa a UNESP e vai para a Unicamp, é Clóvis Barleta de Moraes (1974-1977). Em 1978 e 1979, a publicação é suspensa. Era a época da criação da UNESP, com todas as confusões e mesmo arbitrariedades que esse fato gerou: fechamento de cursos, transferência compulsória de professores de uma Faculdade para outra, mudanças administrativas... Em 1980, a UNESP centraliza a publicação das revistas, transformando a *Alfa* num periódico especializado em Lingüística e ficando a *Revista de Letras*, até então editada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, como o periódico especializado em Literatura. Até esse momento, a *Alfa* publicava tanto artigos referentes aos estudos lingüísticos quanto aos estudos literários. Aliás, é preciso que se diga que, até o número 23, último volume editado sob os auspícios da Faculdade de Marília, os artigos sobre Literatura são em número maior do que aqueles consagrados à Lingüística, o que mostra ainda a vigência de uma mentalidade que presidiu ao funcionamento da pesquisa na área de Letras nos primórdios de sua institucionalização na Universidade, a de que o objeto privilegiado

da pesquisa era a Literatura e de que os estudos linguísticos, principalmente no âmbito das línguas clássicas e línguas estrangeiras modernas, tinham um caráter meramente instrumental. Por isso, um dos papéis exercidos pela *Alfa* em sua primeira fase foi o de impulsionar a institucionalização da pesquisa linguística no país. Em alguns números, publicam-se os sumários das revistas brasileiras e estrangeiras recebidas pela biblioteca da Faculdade, para que os leitores que não tinham acesso a uma biblioteca razoavelmente provida como a de Marília pudessem acompanhar os temas de investigações realizadas no Brasil e no exterior. O noticiário publicado em todos os volumes dava conta do que acontecia nos arraiais linguísticos. Por exemplo, o volume de 1968 noticia, com riqueza de detalhes, a visita de Roman Jakobson ao Brasil. Estávamos muito longe dos dias de hoje, quando a Internet propicia comunicação instantânea com bibliotecas e centros de pesquisa, quando o número de investigadores é grande, quando os congressos e simpósios na área são muitos.

Nesse mesmo espírito, um dos volumes de 1967 edita as atas do I Seminário de Linguística de Marília. Esse evento acadêmico visava avaliar os estudos linguísticos no Brasil, fazendo um balanço do estado da arte em cada uma das tendências mais representativas da investigação linguística na época. Foram convidados destacados pesquisadores, que apresentaram relatórios sujeitos a debates em mesas-redondas. A *Alfa* publicou os relatórios e uma súmula dos debates travados em cada uma das mesas. Os expositores foram: Teodoro Henrique Maurer Júnior – “A linguística histórica”, Joaquim Mattoso Câmara Júnior – “O estruturalismo”, Nelson Rossi – “A dialetologia”, Maria Tereza de Almeida Camargo (hoje Biderman) – “A estatística linguística”, Enzo del Carratore e Ataliba Teixeira de Castilho – “A onomasiologia no léxico e na sintaxe”, Julio Garcia Morejon e Manoel Dias Martins – “O idealismo linguístico e a estilística literária”, Paulo A. A. Froehlich – “A linguística descritiva”. Além desses expositores, que apresentaram seus relatórios sobre o estado da arte da área, Geraldo Cintra proferiu uma conferência, intitulada “Um aspecto da linguística aplicada ao ensino de línguas”. Uma farta documentação fotográfica acompanha o volume. Observando as fotos, vemos como mudaram os costumes acadêmicos. Passou-se de um formalismo muito grande, que se revelava principalmente no trajar, a uma informalidade completa nos congressos e demais eventos universitários. O diretor, na abertura do seminário, trajava beca. Todos os participantes estavam de terno e gravata. Os hábitos acadêmicos estavam de acordo com o formalismo que existia na sociedade, antes que os anos de 1968 alterassem os costumes em todo o mundo. Como efeito do seminário, dentro do objetivo de institucionalizar a pesquisa linguística, fundam-se, em 1969, a Associação Brasileira de Linguística (Abralim) e o Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), ambas as associações ainda produtivas e atuantes.

Voltemos a 1980, ano em que a *Alfa* se torna um periódico da UNESP, especializado em Linguística. Nesse ano, adota-se um novo projeto gráfico, o segundo durante a existência da revista. Estabelecem-se novos critérios para apresentação dos originais. Pela primeira vez, os artigos deveriam conter resumo, termos-chave e título em português e em inglês. Cada número organizava-se em duas grandes seções, artigos originais e inéditos e resenhas. A periodicidade continua a ser anual. É preciso dizer que, embora o projeto gráfico apresentasse um rigor bibliográfico maior do que o que

vigorava até 1980, era extremamente feio. Em 1981, o periódico assume o nome que tem hoje: *Alfa: Revista de Lingüística*. A centralização das revistas na UNESP não diminui as dificuldades de publicação: os números 30 e 31, concernentes aos anos 1986 e 1987, aparecem num único volume. Em 1992, altera-se o projeto gráfico da revista. Ele é muito mais bonito do que o anterior: a mancha é mais arejada e as capas reproduzem obras de arte modernas. No volume 36, o primeiro publicado com o novo projeto, a capa reproduz o quadro *La clef des songes*, de Magritte. Altera-se também a linha editorial. Os volumes passam a ter um núcleo temático, reservando, no entanto, um percentual de páginas para temas livres. Assim, cada número passa a ter as seguintes seções: artigos do núcleo temático, artigos de temas livres, traduções, retrospectiva e resenhas. Publicaram-se na vigência dessa orientação cinco volumes sobre os seguintes temas: v.36: *O texto: leitura e tradução*; v.37: *Lingüística e ensino de línguas*; v.38: *O funcionalismo no Brasil*; v.39: *Análise do discurso*; v.40: *Estudos lexicológicos e lexicográficos*. A partir do número 41 (1997), quando se comemora o 35º aniversário da revista, altera-se tanto o projeto gráfico quanto a orientação editorial. Seu formato passa a ser menor. As capas, porém, continuam a apresentar obras modernas. Haveria uma alternância entre volumes comuns e volumes especiais. Aqueles seriam de temas livres e estes seriam temáticos. Os volumes temáticos publicados depois dessa mudança foram: v.41: *Estudos em gramática funcional*; v.42: *O estado da arte nas ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*; v.44: *Tradução, desconstrução e modernidade*. Deveria haver, em cada ano, um volume comum e um especial. Ambos deveriam ter o mesmo número. O especial seria indicado com a marcação *n. esp.* De novo, as dificuldades acumulam-se. Em 1999, sai apenas o volume comum do número 43. Em 2000, vem à luz o volume especial do número 44. Só em 2002 é editado o volume comum do número 44. Novamente, como em todos os periódicos brasileiros, atrasos, dificuldades, percalços... Muitas pessoas trabalharam para que a *Alfa* sobrevivesse até hoje: pareceristas, membros do conselho editorial, revisores, colaboradores etc. Destacam-se os diretores da revista, que em 1992 passaram a se chamar editores responsáveis. Foram eles: 1962-1973: Ataliba Teixeira de Castilho; 1974-1977: Clóvis Barleta de Moraes; 1980-1981 – Ermínio Rodrigues; 1982-1983: Ignácio Assis Silva; 1984: Telmo Correia Arrais; 1985-1988: José Luiz Fiorin; 1989-1991: Telmo Correia Arrais; 1992-1993: Roberto Gomes Camacho; 1994-1995: Rafael Eugênio Hoyos-Andrade; 1996-1997: Odette G. L. Altman de Souza Campos; 1997: Odette G. L. Altman de Souza Campos e Marise Mattos Dall'Aglio Hattner; 1998: Marise Mattos Dall'Aglio Hattner; 1999-2001: Carlos Eduardo Mendes de Moraes. A editora atual é Silvia Dinucci Fernandes.

O texto da revista *Alfa* mostra ainda como era difícil publicar no Brasil na década de 1960. Não havia editoras universitárias e as editoras comerciais não se interessavam pelas publicações acadêmicas da área de Lingüística, porque o público que tinha interesse por elas era muito pequeno. Por isso, a *Alfa* editou várias teses: 1967 (v.12) *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*, de Ataliba Teixeira de Castilho; 1968 (v.13/14): *Os motivos da sátira romana*, de Salvatore d'Onofrio; 1969 (v.15): *Fernando Pessoa na África do Sul* (primeiro tomo intitulado *Contribuição ao estudo de sua formação artística*), de Alexandrino E. Severino; *Uso do infinitivo num corpus de português coloquial brasileiro*, de Landon Lockett, da Universidade do

Texas, Austin; 1970 (v.16): *Fernando Pessoa na África do Sul* (segundo tomo denominado *A educação inglesa e a obra de Fernando Pessoa*).

Ao longo da história da *Alfa*, cinco lingüistas receberam homenagens em suas páginas. Dois foram reverenciados com notas biobibliográficas *in memoriam*: Joaquim Mattoso Câmara Júnior (v.16, 1970) e Antenor Nascentes (v.20/21, 1974/1975). Robert Henri Aubreton foi homenageado também com uma nota biobibliográfica, por ocasião de sua partida para a França (v.4, 1963). O pesquisador recebeu essa distinção pelo seu trabalho na reorganização do ensino de Letras Clássicas no país e pelo seu empenho em enviar para a França, para lá realizar seus estudos pós-graduados, inúmeros discípulos, que vieram a constituir toda uma geração de helenistas e latinistas. Teodoro Henrique Maurer Júnior (v.18/19, 1972/1973) e Francisco da Silva Borba (v.44, 2000) foram homenageados com miscelâneas de estudos. Aquele foi o primeiro professor a ensinar Lingüística Geral na Universidade de São Paulo. No ano letivo 1945/1946, frequentou, na Universidade de Yale, cursos de Lingüística Indo-européia, Sânscrito e Hitita, tendo sido aluno de Leonard Bloomfield, Franklin Edgerton e Edgard Sturtevant. Em 1947, foi nomeado professor da cadeira de Lingüística Românica da Universidade de São Paulo. Em seguida, torna-se responsável pelo curso de Glotologia Clássica, que, mais tarde, tem seu nome alterado para Lingüística Indo-européia. Em cursos de especialização, começa a ensinar Lingüística Geral. Foi professor de toda uma geração de lingüistas. Francisco da Silva Borba foi um dos pioneiros da Lingüística brasileira e formou também, em cursos de especialização, todo um grupo de lingüistas, que está atuando nas universidades brasileiras.

Dois narrativas se entrelaçam na *Alfa*: a da feitura da revista e a da pesquisa lingüística brasileira. Como estamos examinando o periódico como um texto^o, uma narrativa, é preciso desvelar o que ela mostra.

A da feitura da revista mostra sujeitos do fazer (os diretores, mais tarde chamados editores) modalizados pelo querer, pelo dever e pelo saber. Estavam profundamente imbuídos do querer realizar uma revista pluralista e de qualidade, que contribuísse para a renovação dos estudos lingüísticos brasileiros, fazendo-os aproximar-se do que se fazia nos centros mais adiantados do mundo. Por outro lado, tinham uma arraigada convicção de que o pesquisador deve divulgar os resultados de seu trabalho, para que a ciência progrida no debate e na controvérsia. Pela sua experiência e pelo seu tirocínio, sabiam como fazer uma revista científica. No entanto, nem sempre estavam modalizados pelo poder: falta de verbas, dificuldades administrativas, entraves burocráticos. Assim, a história da *Alfa* é também a narrativa da passagem do não-poder ao poder, da superação de toda sorte de empecilhos. A *performance* realiza-se muito bem. Os quarenta anos da revista testemunham isso. A sanção é dada pelo reconhecimento da comunidade acadêmica de que esse periódico é um dos mais significativos do país.

Nas páginas da *Alfa*, narra-se também a história da pesquisa lingüística no país. Aí são muitos os sujeitos do fazer. Gerações se sucedem. Depois dos precursores, Maurer, Salum etc., a primeira geração de lingüistas: Mattoso, Aryon, Ataliba, Froehlich, Borba, Ignácio etc. Uma segunda geração aparece: Maria Helena, Camacho, Ieda, Mercedes Sanfelice e outros. Depois, chegam outros às atividades de pesquisa: Beatriz, Marize, Arnaldo, Ude etc. Os campos de interesse também vão diversifican-

do-se: a fonologia, a lexicologia, a teoria da gramática, a morfologia, a geolinguística, a semiótica, a análise do discurso, a linguística textual, a linguística aplicada, a tradução etc. Filiações teóricas vão alterando-se: a semasiologia, o estruturalismo, o gerativismo, o funcionalismo... A *Alfa* deu a todos os investigadores o meio de divulgar seus trabalhos, o poder tornar público o resultado de suas pesquisas.

Como diz Guimarães Rosa, em "Desenredo", "e pôs-se a fábula em ata". A *Alfa* é a ata de muitas histórias, que enchem de orgulho os que participamos e os que participam de sua construção. Superamos inúmeras dificuldades, vencemos múltiplos entraves, ultrapassamos incontáveis barreiras. Mas, ao olhar para trás, podemos lembrar-nos de tudo com alegria. Afinal, contribuimos para que o sonho tivesse realidade. O texto da *Alfa* revela tudo: dedicação, empenho, espírito universitário, curiosidade intelectual, qualidade, trabalho, muito trabalho, e até mesmo interesses mesquinhos. Enfim, esse texto é o simulacro do nosso fazer universitário, com suas virtudes e seus defeitos.

Referência bibliográfica

CASTILHO, A. T. de. Depoimento sobre os 35 anos da revista Alfa. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, n.41, p.9-12, 1997.